

Frontend – Educação Socioemocional – Teoria do Encantamento

– Com Chloé Valdary.mp3

abril 28, 2021

• 2:34 - 3:37

Olá pessoal! Bom dia! Sejam bem-vindos ao fronteiras e tendências da ENAP é com grande prazer que hoje a gente vai discutir um assunto superinteressante que é a educação socioemocional e como a teoria do encantamento pode ajudar na conquista da liderança, eu sou a Rebeca, sou a diretora executiva da ENAP.

E pra quem não conhece o ENAP fronteiras e tendências, a gente oferece uma série de conversas regulares pra promover a discussão de temas atuais e relevantes para o governo com a participação de renomados especialistas.

Nossa convidada hoje é Chloé Valdary e ela é a criadora da teoria do encantamento, uma estrutura inovadora que combina educação socioemocional, desenvolvimento do caráter e crescimento interpessoal como ferramenta para desenvolvimento da liderança. Chloé treinou em todo mundo, inclusive África do Sul, Holanda, Alemanha e Israel. Seus clientes incluem alunos do ensino médio e universitários, agências governamentais, equipes de negócios e muito mais, ela também lecionou em universidades da América, incluindo Harvard e Georgetown.

• 3:37 - 4:30

Seu trabalho foi publicado na revista *Psychology Today* e seus escritos foram publicados no *New York Times* e no *Wall Street Journal*. A Chloé me conquistou no primeiro momento, quando fui entender sobre a teoria do encantamento quando ela começou a trazer cultura pop pra ensinar coisas tão simples que fazem muita diferença no nosso dia a dia, então no primeiro momento que ela já trouxe Beyoncé, ela já conquistou meu coração.

Então pra debater mais sobre o assunto e trazer aí em primeira mão pro publico brasileiro a teoria do encantamento, eu passo a palavra pro Diogo Costa, presidente da ENAP. Os dois conversarão sobre educação socioemocional e vão trazer como a teoria do encantamento pode ajudar aí na nossa conquista da liderança e desenvolvimento dessas capacidades.

Então, aproveitem muito o conteúdo, é vão colocando as perguntas que a gente vai fazendo aí essa mediação. Diogo, é com você e excelente aprendizado aí pra todo mundo.

• 4:36 - 4:42

Obrigado Rebeca. E a gente também já está ensinando cultura pop brasileira pra Chloé. Vou mudar agora pro inglês pra gente conversar.

• 4:43 - 4:45

Chloé, seja bem-vinda.

• 4:45 - 4:47

Obrigada. Obrigada por me receberem.

• 4:48 - 5:13

Muito obrigado por participar dessa conversa. Então Chloé, antes de mais nada, você poderia falar sobre sua Teoria de Encantamento? Você já conversou muito com o público americano e como essa é a primeira vez que você fala com o público brasileiro. Você pode falar sobre os princípios em que se basearam as teorias?

• 5:14 - 5:44

Claro. A Teoria do Encantamento tem três princípios fundamentais, que são os princípios que nos guiam. O primeiro é tratar as pessoas como seres humanos, não como abstrações políticas. O segundo criticar para elevar e fortalecer, nunca para derrubar ou destruir. E o terceiro princípio é tentar enraizar tudo o que se faz com amor e compaixão. E nossa definição de amor é o *amor Ágape*, que é um antigo termo grego. Fiz uma tradução livre.

• 5:44 - 6:00

Significa amor incondicional ou amor que não se baseia em condições. Esse conceito foi predominante durante o movimento de direitos civis na América. E o Dr. King disse que os líderes dos direitos civis visavam incorporar esse modelo em todos os seus trabalhos.

• 6:03 - 6:27

E quando você fala em abstrações políticas, geralmente é a maneira como as pessoas se veem, a maneira como enxergam sua identidade pessoal, com base em abstrações. Então, como podemos combinar a necessidade de uma identidade pessoal sem criar as abstrações políticas com as quais nos identificamos?

• 6:28 - 7:01

Sim, é uma ótima pergunta. Acho que isso se resume a compreender a complexidade da condição humana e compreender que, como seres humanos, nós estamos acostumados com a multiplicidade e não queremos nos reduzir, em nossas próprias mentes, a uma só coisa. Então, se considerar incapaz de fazer algo bom ou de fazer algo ruim, por exemplo, é uma redução do que significa ser

um ser humano. Como seres humanos, temos a capacidade de fazer tanto o bem quanto o mal. Temos a capacidade de elevar e de destruir.

• 7:01 - 7:30

Ser um ser humano é uma coisa muito ambígua. E o impulso de se expressar é sem dúvida muito forte e muito necessário. Isso faz parte do ser humano. Mas ao se expressar, é importante saber que a identidade de cada um contém multiplicidades, como eu disse, e a identidade não pode ser simplesmente presa ou colocada em uma caixa monolítica.

• 7:30 - 8:03

Então, por exemplo, atualmente na América estamos lidando com muitos desafios em relação às pessoas, como jornalistas e pessoas da mídia reduzindo pessoas a certas coisas com base em sua cor da pele e com base em sua raça. Portanto, se você é branco, você é visto de certa forma como fundamentalmente ou inerentemente problemático. E se você é negro ou afro-americano, de outra forma, você é visto como puro ou angelical.

• 8:03 - 8:17

E ambos são seres humanos caricaturados, ambos são as nossas tentativas de reduzir os seres humanos a uma só coisa, ao invés de assumirmos a plenitude e a complexidade do que significa ser um humano.

• 8:18 - 8:22

E como lidar com pessoas que nos tratam como uma abstração política?

• 8:23 - 9:01

Bom, temos muitos exercícios diferentes dentro da Teoria do Encantamento que nos ensinam a despersonalizar e a fazer o chamado trabalho de sombra, para que você não seja influenciado por pessoas que te tratam de uma maneira estereotipada. E claro, isso também foi praticado durante o movimento de direitos civis, nos anos 50 e 60, quando havia muito racismo contra os afro-americanos. O Dr. King e muitos outros membros do movimento dos direitos civis praticaram alguns exercícios para que não internalizassem o que estava sendo dito sobre eles.

• 9:02 - 9:23

Por duas razões. A primeira é que eles entendiam que as pessoas que os perseguiam ou na verdade as vítimas de suas próprias patologias, de certa forma, estavam sofrendo, e o Dr. King e os outros não queriam acrescentar mais sofrimento e causar mais sofrimento devolvendo o ódio como vingança.

• 9:23 - 9:56

Então, a fim de incorporar um espírito de, como eu disse, *amor Àgape*, eles se certificavam de que, uma vez que iriam para, vamos dizer, um protesto ou para uma tentativa de dessegregar um restaurante, por exemplo, antes de irem, eles se perguntavam: estou alimentando alguma vingança? Estou alimentando algum sentimento de ressentimento dentro de mim mesmo? Como faço para tirar isso de mim mesmo antes de sair e protestar, porque quero protestar colocando todo o amor lá fora.

• 9:57 - 10:29

Portanto, temos alguns exercícios dentro da Teoria do Encantamento que ensinam essas práticas em um nível micro, para que você não seja influenciado por pessoas que te caricaturam ou que te estereotipam, porque você entende que as pessoas que estão te estereotipando também estão estereotipando a si mesmas. E eles também vêm de um lugar que você não deseja para ninguém. E dessa forma, cria-se um espaço de empatia por essa pessoa, mesmo quando ela te ataca ou te insulta.

• 10:31 - 10:39

Sim, como você disse, em uma sociedade opressiva, tanto o opressor quanto o oprimido sofrem. Você pode dar um exemplo de como isso funciona?

• 10:40 - 11:16

Claro. Então, o famoso escritor e autor James Baldwin falou sobre isso muitas vezes, ele disse que quem menospreza outro ser humano está menosprezando a si mesmo. Em um debate no Reino Unido, ele apresentou um cenário em que havia um xerife racista no Alabama, e ele disse que, presumivelmente, esse homem é um homem. E ele ama sua esposa e ama seus filhos, mas não sabe o que o leva a pegar um cacete, a pegar uma arma e atacar outra pessoa, só porque essa pessoa não se parece com ele.

• 11:16 - 11:43

E o James Baldwin diz algo muito interessante. Ele diz que, em algum nível, o que esse homem faz aos negros é horrível, mas o que aconteceu com ele é pior ainda porque ele não percebe que é atormentado por patologias dentro de sua cabeça. Existem algumas coisas sobre ele mesmo que ele detesta tanto, que até as projeta em outros seres humanos que não se parecem com ele, e o James Baldwin e o.

• 11:43 - 12:20

Dr. King usam essa compreensão psicológica do ser humano para explicar como o racismo funciona. Então, eu acredito que, mais uma vez, a compreensão da plenitude da condição humana, da interdependência dos seres humanos e como podemos, às vezes, pegar nossas próprias inseguranças e projetá-las sobre o outro. E é aí que muito extremismo vem de uma compreensão mais ampla que pode nos equipar com a capacidade de não sermos machucados por outros. Quando eles nos atacam com, sabe, uma linguagem muito desrespeitosa ou insultuosa, porque, mais uma vez, entendemos que aquela pessoa na verdade está sofrendo.

• 12:22 - 12:42

Sim, você mencionou o conceito de amor no trabalho do Dr. King. E há um trecho em que o Dr. King diz que é grato pelo fato de a Bíblia nos pedir para amar nossos inimigos em vez de gostar deles, porque é mais fácil amar alguém do que gostar de alguém que está agindo contra você. Você concorda com isso?

• 12:43 - 13:19

Eu concordo que é difícil gostar, ou ter afeto por pessoas que estão contra você. Mas também reconheço o trabalho de pessoas como Daryl Davis, que conseguiu que dezenas de membros da KKK deixassem a KKK ao longo de cerca de 20 anos. E compreendo e, até falei com ele que, a meu ver, parece mesmo que ele gostava das pessoas com quem conversava. E mesmo que dissessem coisas horríveis a ele, isso não o atingia.

• 13:19 - 13:47

Isso não afetou a maneira como ele se sentia em relação a si mesmo. Agora, é claro, esse é um cenário diferente. Daryl Davis estava trabalhando em uma época que não era marcada por Jim Crow, não era marcada pela Lei antidiscriminação sabe? Então, obviamente é um contexto diferente e um ambiente diferente, mas acho que isso prova que, dadas as circunstâncias, talvez seja possível não só amar seu adversário, mas até mesmo gostar dele.

• 13:48 - 14:03

E você trabalha com órgãos governamentais também em outras organizações, como o governo pode, na prática, adotar os princípios da Teoria do Encantamento? Como isso funciona?

• 14:04 - 14:36

Essa é provavelmente uma longa conversa. Na Teoria do Encantamento, oferecemos diferentes tipos de ofertas para ajudar a inculcar os princípios dentro da cultura de uma organização. Isso inclui coisas como workshops que duram um dia inteiro e que na verdade são apenas uma amostra da Teoria do Encantamento. Pode parecer que os workshops de um dia inteiro são como uma escavação em grupo. E basicamente os membros de uma determinada coorte passam pelos princípios e fazem exercícios diferentes para incorporar tais princípios.

• 14:36 - 15:11

Então, quando se trata, por exemplo, de estudar o primeiro princípio, que é tratar as pessoas como seres humanos, não abstrações políticas, bem, na verdade, fazemos várias perguntas relacionadas ao que significa realmente ser um ser humano, certo? O que significa ter que lidar com coisas como vulnerabilidade, imperfeição, traumas e mortalidade, e temos um processo de auto refinamento, para que possamos lidar com essas coisas de forma holística e não permitir que nossas inseguranças nos ultrapassem e causem uma compensação excessiva, que nos faça projetar nos outros nossas frustrações.

• 15:12 - 15:50

Então, existem vários exercícios relacionados a isso. Existem também diversos exercícios relacionados a maneira de tratar as pessoas, perdão, criticar para levantar as pessoas e fortalecê-las, em vez de derrubá-las e destruí-las. E falamos sobre o conceito de redenção. Falamos sobre o que a ideia de redenção realmente significa. E na Teoria do Encantamento significa simplesmente que os seres humanos têm a capacidade de mudar, entende? Isso também significa ser um ser humano. E então fazemos perguntas difíceis, sabe, em como e a que nível você acha que seria difícil ver alguém como redimível. Você acha que é possível ver todas as pessoas como redimíveis?

• 15:50 - 16:16

Qual é a diferença entre ver as pessoas, ou moldar as pessoas ou demonizar pessoas, enfim, qual é a diferença entre demonizar pessoas e, vê-las como redimíveis? o que não garante que as pessoas vão mudar, certo? mas diz mais sobre a percepção que o praticante tem das pessoas, e não necessariamente com a mudança delas em primeiro lugar, é a maneira como vemos mudanças e como nos comportamos a longo prazo.

• 16:16 - 16:50

E também discutimos o terceiro princípio, que é talvez o ponto culminante dos dois primeiros princípios. E nós também assistimos a um movimento muito particular, que realmente encapsula esse terceiro princípio. Assim, nos treinamentos de um dia inteiro, há, como eu disse, uma espécie de mergulho profundo na Teoria do Encantamento. Nós proporcionamos isso a diferentes organizações. Também oferecemos cursos individuais, que é um treinamento mais longo e intensivo. São cerca de 25 aulas, 50 horas.

• 16:50 - 17:27

E é a nível individual. E mais uma vez, essa auto escavação está presente. Mas é mais intensivo porque há mais trabalho, há mais exercícios dos livros, há mais exercícios de autorreflexão, simplesmente porque, assim, esse formato permite que a gente coloque mais coisas. E acredito que a Teoria do Encantamento se apresenta de tal forma que você primeiro tem que fazer um trabalho de auto exploração, por causa da ideia de que você não será capaz de estar em uma relação saudável com os outros ou desenvolver uma relação saudável com os outros, a menos que você primeiro desenvolva uma relação saudável consigo mesmo.

• 17:27 - 17:38

Então, a primeira parte do trabalho do curso é toda sobre explorar a si mesmo, conhecer a si mesmo, compreender essa complexidade para que você possa então começar a compreender a complexidade nos outros.

• 17:40 - 17:51

E, em sua experiência, é mais difícil ensinar que estão tendo uma chance de trabalhar com a Teoria do Encantamento no setor público ou no setor privado?

• 17:52 - 18:23

Essa é uma boa pergunta. Depende muito da natureza da organização. Acho que as escolas são muito desafiadoras de se trabalhar, só por causa da natureza burocrática que faz o trabalho com as escolas ser irônico, porque as escolas também são uma espécie de público pronto e já preparado para isso. Então, eles são muito receptivos a isso e são muito ansiosos, mas não têm toda a infraestrutura necessária para a entrega do currículo.

• 18:23 - 19:00

Então, acho que é um trabalho desafiador e ainda estou tentando descobrir a melhor solução para isso. Mas sei também que quando trabalhamos com órgãos governamentais anos atrás, sempre que um órgão do governo decidia que eles queriam ir adiante com o programa, era muito simples, entende? O desafio é

apenas fazê-los dar esse primeiro passo. E em relação ao setor privado, geralmente é mais fácil só porque há menos burocracia, há menos burocracia para se locomover.

• 19:00 - 19:17

E, há menos barreiras quanto às pessoas que tomam decisões de liderança. Geralmente existem uma ou duas pessoas nesse cargo. E é mais fácil alcançá-los do que ter que passar por cinco ou seis camadas diferentes de burocracia no setor público, sabe?

• 19:20 - 19:51

E muitos dos problemas de empatia e amor que você mencionou, eu acho que não vêm com tanto ódio, óbvio, mas às vezes com ironia e sarcasmo. E vejo que você se recusa a chamar, por exemplo, pessoas que se importam, e algumas pessoas chamam de chat, ou algo do tipo. Você acha que esses memes ou cultura mimética também são parte do problema?

• 19:53 - 20:32

Sim, na verdade não pensei em todo o fenômeno Karen durante um tempo. Não tenho certeza do quão proeminente é fora de plataformas como o Twitter. Tenho certeza de que está um pouco infiltrado na vida real. Não tenho certeza do quão universal ela é, pelo menos na cultura americana. Mas acredito que está contribuindo, no mínimo, para uma cultura de desumanização e também para uma cultura de desapego e frieza, que temos nas relações uns com os outros.

• 20:32 - 21:17

Mas é mais um subproduto do fenômeno maior de transformar pessoas em caricaturas. E, mais uma vez, estereotipar os outros, Ralph Ellison disse que quando você estereotipa os outros, você está essencialmente estereotipando a si mesmo. E acho que a maioria das pessoas não percebe isso quando dizem isso a outras pessoas, ou quando agem de tal maneira com outras pessoas, mas acredito que é um ponto importante para ressaltar quando você, sabe, usa um termo em tom de brincadeira para nomear alguém que está agindo de uma certa maneira, você está negando o fato de que você também é capaz de agir dessa maneira, e você provavelmente agiu dessa maneira em um contexto diferente e em um cenário diferente.

• 21:17 - 21:25

Então, sim, eu diria que, em geral, certamente contribui para uma cultura de estereotipagem de outros e da caricatura de outros.

• 21:27 - 21:38

Recebemos uma pergunta da Miriam, se existem cursos on-line sobre Teoria do Encantamento disponíveis para o público em geral?

• 21:39 - 21:54

Sim. Então, nosso curso individual é online e qualquer pessoa pode se inscrever nele a qualquer momento, talvez eu possa te enviar o link e você pode passar ao público depois, mas ele é online e bastante acessível. Qualquer pessoa, de qualquer lugar, pode se inscrever.

• 21:57 - 22:04

O João Vitor pergunta como podemos reconhecer pessoas que são inerentemente imperfeitas e aprender a fortalecer conexões mais saudáveis?

• 22:05 - 22:37

Bem, eu acho que começa por reconhecer que todos nós somos inerentemente imperfeitos, certo? Eu sou imperfeito, você é imperfeito. Então, mais uma vez, voltamos ao trabalho pessoal primeiro, uma vez que nos damos conta de que somos imperfeitos, e uma vez que eu percebo que sou imperfeita, serei menos impactado ao ver a imperfeição de outros, porque serei capaz de criar espaço para minha própria imperfeição. E serei capaz de criar espaço também para os outros.

• 22:37 - 23:07

Então, de novo, eu acho que realmente, fundamentalmente falando, começa por reconhecer dentro de si mesmo e depois passar para o outro e, uma vez que você seja capaz de realmente direcionar amor e compaixão para si mesmo, você será capaz de traduzi-lo para o outro. Em um de nossos exercícios sobre vulnerabilidade, peço às pessoas para listar cinco coisas que elas amam em si mesmas e cinco oportunidades de crescimento. E eu acho que é muito difícil para as pessoas listar as coisas que elas amam em si mesmas.

• 23:07 - 23:27

Eu acho que as pessoas são super, super duras, super julgadoras de si mesmas. E o que acontece é que, subconscientemente, projetamos esse julgamento severo que dirigimos para nós mesmos sobre os outros. Então, para começar, devemos estar cientes de que precisamos mudar isso através da prática e depois traduzir essa prática no relacionamento com os outros.

• 23:29 - 23:46

Luisa Souza pergunta quais práticas você recomenda para construir força emocional no trabalho, especialmente quando você está lidando com uma estrutura muito complexa ou com recursos humanos que não estão estruturados de forma alguma?

• 23:49 - 24:27

Bem, essa é complicada. Quando você está lidando com uma instituição que tem recursos limitados em termos de desenvolvimento de sua própria saúde social e emocional, isso pode ser bastante complicado. Eu diria que existem certos exercícios que você pode fazer como indivíduo, incluindo alguns dos exercícios que mencionei, certo? fazendo isso, como aquela prática da vulnerabilidade, onde você lista coisas que você é e que ama em si mesmo, lista oportunidades de crescimento em que você pode trabalhar, e depois se compromete e amplia algumas dessas coisas que você ama, e trabalhar com essas oportunidades de crescimento.

• 24:27 - 24:38

Outra prática que ensinamos e que eu mencionei anteriormente é a chamada de trabalho de sombra. E a ideia da sombra. A sombra é uma espécie de termo psicológico que foi popularizado por Carl Young.

• 24:39 - 25:12

E a ideia da sombra é que a sombra é tudo que não gostamos em nós mesmos e que projetamos nos outros. E um exercício de sombra que você pode fazer é identificar alguém que você não gosta e entender por que você não gosta dele ou dela. Então, qual comportamento eles têm que você não gosta? e assim, identificar o impulso para se comportar dessa maneira dentro de si mesmo. Essa é uma prática muito difícil porque não gostamos de nos identificar com pessoas de quem não gostamos. Mas o objetivo, mais uma vez, é perceber que todas essas são coisas muito humanas.

• 25:12 - 25:31

Esses são comportamentos muito humanos e impulsos muito humanos. E quando somos atingidos por tal comportamento, e quero deixar claro que o fato de você ser atingido não é a mesma coisa que a necessidade de responsabilizar as pessoas por suas ações ou chamar a atenção para o mau comportamento, certo? Você pode fazer isso.

• 25:31 - 26:06

E certamente o Dr. King e os líderes dos direitos civis fizeram isso, você pode fazer isso sem ser realmente atingido pelo que eles estão fazendo ou pelo que eles estão dizendo a você. Porque quando aquilo te atinge, na verdade, é ego falando mais alto. Posso dizer, pessoalmente, quando algo me atinge é o meu ego que começa a ver alguém se comportando de forma ruim, e então ele começa a alterá-lo, entende? O que é um problema porque, se alteramos os seres humanos, estamos caindo no mesmo ciclo ou no mesmo padrão de comportamento que queríamos parar em primeiro lugar.

• 26:06 - 26:37

Portanto, o trabalho de sombra nos ajuda se o praticarmos durante um longo período, ele nos ajuda a deixarmos de ser influenciados por esses comportamentos, porque reconhecemos que também somos capazes de agir de tal forma. Esse comportamento é algo muito humano em um contexto diferente ou em uma situação diferente. Podemos nos ver agindo dessa forma, seja egoísmo ou, sabe, algum outro comportamento humano que não gostamos de admitir que podemos personificar em algum momento.

• 26:38 - 26:46

Então, essa é uma prática que eu diria, mais uma vez, que é muito difícil de praticar, mas que também é muito útil a longo prazo.

• 26:48 - 27:11

E a Rebeca Loureiro, nossa diretora, pergunta sobre a Teoria do Encantamento no contexto do trabalho remoto, do home office, ela diz que os líderes precisam inovar na forma como lideram suas equipes, no cenário do trabalho remoto e do distanciamento social. Então, como aplicar os três princípios com equipes remotas?

• 27:13 - 27:52

Assim, acredito que uma das coisas interessantes que resulta da compreensão do primeiro princípio, é que não tratamos as pessoas como seres humanos. O que significa ser um ser humano? Uma das coisas que surgem nas conversas com os profissionais é que os seres humanos precisam de rituais. Então, assim, durante a COVID, por exemplo, muitas graduações foram canceladas. Na verdade, as cerimônias de graduação foram canceladas, muitos rituais de transição que são normais para a vida humana, sabe? Rituais que marcam o fim de uma fase e o começo de outra foram cancelados ou foram suspensos por um tempo.

• 27:52 - 28:11

E isso é muito difícil e muito complicado para os seres humanos, porque, sabe, nós respondemos à mudança das estações, certo? Respondemos às transições ou rituais que marcam o início e o fim de certos momentos de nossas vidas.

- 28:11 - 28:46

Então, eu acredito que isso é muito importante para os líderes nos ambientes de trabalho, que estão lidando com equipes on-line e com reuniões no zoom. Acho importante que eles se perguntem como podem tentar implementar rituais, dadas as dificuldades de apenas falar uns com os outros no zoom, de ser uma situação isolada, de não poder ver seus colegas de trabalho pessoalmente, e embora seus colegas não possam lhe dizer que é uma coisa muito humana querer ou precisar realmente de rituais diferentes.

- 28:46 - 29:27

Por exemplo, eu estava trabalhando com uma organização que tinha acabado de completar 50 anos, mas todos os funcionários estavam isolados e se comunicavam pelo zoom ou por outras plataformas semelhantes. E eu sugeri a eles que fizessem algo dentro de suas limitações, mas que não deixassem de celebrar o 50º aniversário e para marcar o 50º aniversário da organização, que fosse, sabe, enviando comida por delivery ou cartões de presente para todos os seus funcionários, ou, então, marcando algo no calendário para fazer pelo zoom, algo que fosse divertido, para celebrar.

- 29:27 - 29:57

É importante que seus colegas de trabalho e seus parceiros tenham esses rituais em suas vidas porque eles criam um senso de ordem. Uma ordem cria uma sensação de significado. Então esse é apenas um conselho que eu daria, em relação a como navegar pelas limitações da vida profissional em um cenário de COVID-19, ainda é importante implementar certas coisas que são críticas para a vida humana.

- 29:59 - 30:28

E qual é o papel do humor e como o humor mudou por causa das circunstâncias atuais. Eu me lembro de John Cleese dizer que, a questão do humor é que ele é crítico. E se você não pode criticar ou ofender as pessoas, então o humor desaparece. E também, que se as pessoas podem controlar suas próprias emoções, então elas tentarão controlar o comportamento de outras pessoas. Você acha que estamos vivendo também uma crise no humor ou que o humor pode ser uma ferramenta em seu kit de ferramentas?

- 30:30 - 31:05

Sim, essa é uma pergunta interessante. Eu nunca pensei muito sobre isso. Quero dizer, não sei se estamos vivendo uma crise no humor. Eu acho que toda ação tem sua reação igual, mas oposta. E assim, sempre que você vê um movimento em uma cultura para reprimir o humor ou reprimir a comédia, porque algumas pessoas acham ofensivo, você também encontra uma reação oposta, entende? Se olharmos para alguns comediantes nos Estados Unidos, alguns deles são basicamente inatingíveis, como o Chappelle por exemplo.

• 31:05 - 31:59

E assim, não acho que estamos lidando com uma crise, mas acredito que se você não expressa sua reação natural a algo tão bem-humorado, isso é muito problemático porque você está abafando uma coisa humana. E isso é parte do processo de se tornar superconsciente e ser autoconsciente é, na verdade, uma característica fundamental do narcisismo. E assim, há uma conexão entre uma sociedade que se torna mais rígida, mais mecânica, mais, enfim, incapaz de apenas responder naturalmente às coisas, seja através do humor ou por outras formas de emoção, existe uma relação direta entre isso e o narcisismo ou personalidades narcisistas se desenvolvendo em toda uma sociedade.

• 31:59 - 32:14

Então, nesse nível e nesse sentido, eu diria, sim, é muito problemático, de um modo geral, se você abafa suas reações naturais a certas coisas, porque você está se tornando muito mais parecido com uma máquina e muito menos com um humano, então esse é um lugar muito perigoso para se estar.

• 32:16 - 32:17

Você acabaria com o Twitter?

• 32:19 - 32:50

Não, eu não acabaria com o Twitter. Em primeiro lugar, eu acredito muito no mercado livre, por isso não acabaria com o Twitter. Mas, além disso, ah, o Twitter, sabe. Eu tenho uma relação de amor e ódio com ele. Na verdade, eu tento ficar fora das redes sociais durante a semana, mas consigo ter um Twitter bastante positivo, na maior parte do tempo, pela forma como lido com as coisas e pela energia que coloco no Twitter.

• 32:50 - 33:29

Eu acho que você atrai a energia que você coloca no Twitter. E assim, se você quiser ter um Twitter mais holístico, mais positivo, você pode, e se você quiser ter

um Twitter mais negativo, mais amargo e mais cínico, você pode também. Então, eu não acabaria com a plataforma, mas recomendo fazer pausas, fazer pausas regulares das redes sociais no geral, porque é importante lembrar que todas essas plataformas são projetadas para desencadear dopamina dentro de nós, e puxar aqueles neurotransmissores de dopamina que temos em nosso cérebro.

• 33:30 - 33:53

É importante ter consciência disso, porque caso se torne algo hiperativo, pode levar ao vício e a se colocar em uma bolha ou em uma dessas câmaras de eco. Assim, com certeza eu praticaria hábitos saudáveis em termos de quantas vezes você usa o Twitter, mas eu não acabaria com a plataforma.

• 33:55 - 34:14

Certo. Victor Queiroz nos enviou uma pergunta. Ele pergunta no ambiente de trabalho, reconhecer as imperfeições nos outros nos torna menos exigentes como colegas de trabalhos? E como você motiva as pessoas, ao mesmo tempo em que reconhece suas fraquezas ao lidar com certas atividades?

• 34:14 - 35:03

Sim, essa é uma ótima pergunta. Acho que se trata de reconhecer tanto os pontos fracos quanto os pontos fortes e, em seguida, elaborar um programa de mentoria diferente, tentando extrair os pontos fortes das pessoas envolvidas e tentar trabalhar com essas oportunidades de crescimento. Portanto, eu recomendo muito os programas de mentoria. Eu, sem dúvidas, sou o resultado de mentores incríveis que me ajudaram na vida. E se for possível faça parcerias com outras pessoas dentro de uma organização, com outros mentores que possam captar os pontos fortes e fracos de cada pessoa e ajudá-las a seguir um plano ou criar um plano para ampliar os pontos fortes e atenuar os pontos fracos, entendendo que as pessoas têm diferentes pontos fortes e fracos, dependendo do contexto em que estão na vida.

• 35:04 - 35:07

Eu acredito que é possível criar, de fato, uma cultura de excelência.

• 35:09 - 35:17

Daniela Lopes pergunta como é possível ajudar um líder ou uma líder que tem baixa consciência social e emocional ao trabalhar com ele ou ela?

• 35:19 - 35:56

Sim. Bem, posso dizer que há uma conexão, tanto no lucrativo como no não-lucrativo, em ambientes com e sem fins lucrativos, entre a alta consciência social, emocional e o ROI, seja esse ROI lucrativo ou seja esse ROI apenas uma coesão social ou no que quer que você esteja trabalhando. Então, acredito que a chave está em tentar deixar claro para essa pessoa sobre a conexão, provavelmente essa pessoa está interessada em fazer bem o seu trabalho e impulsionar qualquer que seja a missão ou a causa social da organização.

• 35:56 - 36:19

E essa pessoa ficará em desvantagem se lhe faltar autoconsciência e se lhe faltar aquela peça de aprendizagem social emocional. Então, trata-se de tentar conectar explicitamente os dois, para que eles possam entender que não é uma coisa acidental aleatória. Na verdade, é um fator muito crítico para o trabalho e para a missão em que estão envolvidos.

• 36:21 - 36:57

E gostaria de perguntar sobre um outro tópico. Sobre amor e empatia. Recentemente Mark Lilla escreveu sobre a diferença e declarou que é um paradoxo do nosso tempo que, quanto mais os americanos aprendem a tolerar a diferença, menos eles são capazes de tolerar a indiferença, mas é precisamente sobre o direito à indiferença que devemos afirmar agora o direito de escolher as próprias batalhas, de encontrar o próprio equilíbrio entre a verdade, o bom e o belo. Você acha que toleramos mais a indiferença? Devemos reconhecê-lo como um valor social, de uma forma que não o reconhecemos?

• 36:58 - 37:42

Bom, não tenho certeza se a definição de indiferença de Mark é de fato o que é indiferença ou pelo menos como ela tem sido historicamente entendida. Eu não acho que seja a tentativa de encontrar o equilíbrio entre, o que ele disse, a verdade, o bom e o belo?

Sim.

Eu não acho que essa seja a definição de indiferença. Então, eu concordo que as pessoas têm o direito de encontrar esse equilíbrio, entende? Mas não acho que essa tentativa seja a definição de indiferença. Eu também discordo da premissa de que os americanos aprenderam, ou pelo menos os americanos da costa aprenderam a aceitar as diferenças de muitos americanos.

• 37:42 - 37:54

Em na verdade contestaria essa premissa, assim, eu contestaria tanto essa premissa quanto a noção de que o que ele define como indiferença é, de fato, a definição de indiferença.

• 37:55 - 38:07

Certo. Voltando ao ambiente de trabalho, Marina Rodrigues pergunta como usar a crítica para empoderar alguém, ainda mais durante o trabalho remoto.

• 38:10 - 38:49

Então, não sei ao certo quais são as diferenças ou as barreiras específicas do trabalho remoto versus trabalho presencial quando se trata da crítica, exceto por estar ciente do fato de que as pessoas provavelmente estão vivenciando alguma medida de isolamento e o sentimento de solidão, de alguma forma, pelo menos em comparação com uma realidade antes da COVID. E, assim, eu faria minhas críticas estando ciente disso e criaria espaço para isso e reconheceria que todos nós estamos lutando de maneiras diferentes no momento.

• 38:50 - 39:36

Eu diria também que criticar para elevar e empoderar é, mais uma vez, sobre reconhecer as imperfeições, mas também os pontos fortes. Não basta uma crítica construtiva, uma reunião para dar um feedback e dizer apenas o que não está funcionando. É preciso também apontar o que está funcionando para que as pessoas tenham uma aspiração, um objetivo para alcançar, então eu diria que esse é o principal, esse seria meu ponto principal se eu precisasse dar um, ou a resposta certa para essa pergunta é não apontar apenas o que não está funcionando, mas também apontar o que está funcionando e dar espaço para o fato de que todos nós estamos enfrentando dificuldades de diferentes maneiras, certo?

• 39:36 - 39:44

E tudo bem. Quero dizer, é normal estar enfrentando algo no cenário em que nos encontramos.

• 39:46 - 40:17

Você acha que a fragmentação cultural é um desafio para sua abordagem? E você usa muita cultura pop, isso requer que muitas pessoas compartilhem as mesmas referências. Você vê isso nos EUA, podemos ver aqui no Brasil, antigamente, todos assistiam, sabe, aos mesmos noticiários, a mesma novela à noite, e aos mesmos jogos de futebol, mas agora todos estão fazendo suas próprias coisas, todos estão em seu próprio aparelho móvel. Você acha que a falta de referências compartilhadas pode ser um desafio?

• 40:18 - 41:02

Com certeza. Definitivamente, é um desafio. No entanto, eu acho interessante é que, independentemente das diferentes referências de cultura pop, ou o que as pessoas estão curtindo nos shows, nos filmes e na música, há temas perenes que são comuns à espécie humana e que continuarão existindo talvez para sempre e, portanto, independentemente da fase da cultura em que estamos ou do período histórico em que estamos, eu sempre conseguirei levantar certos assuntos que se referem a esses temas perenes e eternos.

• 41:03 - 41:27

E, assim, eu estou ciente da fragmentação da cultura, como você mencionou, mas nesse sentido, na verdade existem mais opções, entende? E talvez mais oportunidades de alcançar mais pessoas a longo prazo. Mas acredito que existem certos temas que serão sempre constantes, porque são orgânicos para a vida humana.

• 41:28 - 41:33

Por que você acha que a audiência do Oscar está diminuindo?

• 41:34 - 42:04

Eu tuitei algo sobre o Oscar outro dia que não saiu muito bem. Foi algo como, não é maravilhoso que tantas pessoas estejam em sintonia e compartilhando sua alegria sobre histórias que elas adoraram ver no ano passado? E não é incrível como a história pode nos conectar e nos unir? Eu acho que certamente Hollywood se tornou politizada, sabe? E as pessoas em Hollywood tendem a ser condescendentes com as pessoas que são diferentes delas.

• 42:04 - 42:37

Isso volta ao meu ponto anterior sobre alguns americanos de certa maneira não estarem abertos a diferenças. E eu acho que, sem dúvidas, as posições de algumas celebridades, principalmente no Twitter, deixaram um gosto azedo na boca de outras que assistiriam aos Oscar com outra perspectiva, mas ao mesmo tempo, eu acho que há um ciclo de respostas que faz com que as pessoas sejam excessivamente cínicas em relação a esses assuntos.

• 42:37 - 43:07

Mais uma vez, eu não levo as coisas muito para o pessoal e, honestamente, gostei de muitos dos filmes que ganharam o Oscar este ano. Então, eu não levo

isso como um ataque pessoal à minha identidade, mesmo quando pessoas em Hollywood ou na indústria cinematográfica dizem coisas que eu não concordo. Eu só não recebo dessa forma. Embora outras pessoas recebam dessa forma e fiquem amarguradas ou exaustas. E como resultado, elas não se sentem leves.

• 43:09 - 43:21

Voltando aos filmes, a Rebeca Loureiro pergunta sobre os filmes da Disney que você usa para ensinar os três princípios. E que dicas você dá aos pais para criar seres humanos melhores?

• 43:22 - 43:58

Ah, a Disney é uma das minhas favoritas, sabe? Por isso eu amo essa pergunta. Então, usamos vários filmes Disney na teoria do encantamento. Usamos o Rei Leão, temos todo um conjunto de considerações sobre o desenvolvimento do Simba, desde jovem até adulto e o que isso significa. Também usamos o Moana, porque Moana é uma representação incrível do fato de que existe tanto o bem quanto o mal dentro dos seres humanos, como é representado pelo vilão e pelo herói que na verdade são a mesma pessoa.

• 43:59 - 44:20

Espero não estar dando um spoiler, mas já faz alguns anos desde que o filme foi lançado. Mas Te Ka e Te Fiti, o vilão e o herói desse filme, são a mesma pessoa. E a ideia é que, sabe, você pode fazer o bem e o mal como ser humano e é necessário integrar a si mesmo para que se torne inteiro.

• 44:21 - 44:51

Esses são dois dos principais filmes Disney que usamos e ensinamos esses filmes Disney na íntegra. Também usamos outros trechos de filmes. Quando se trata de ensinar às pessoas a diferença entre criticar para elevar e criticar só como forma de manipulação, temos três vilões da Disney. São eles, o Frollo, do Corcunda de Notre Dame, a Ursula da Pequena Sereia e também o Lotso, urso velho, de Toy Story 3.

• 44:51 - 45:20

E todos esses vilões demonstram como funciona a manipulação e a exploração. Pode parecer uma forma positiva de crítica se você for ingênuo ou ignorante, mas na verdade é uma tentativa deliberada de explorar as inseguranças das pessoas para que elas se sintam em débito com você.

• 45:21 - 45:47

"Pobres almas infelizes", que é o que a Úrsula canta na Pequena Sereia é um exemplo perfeito disso. Em relação ao que os pais podem fazer para ensinar a seus filhos com a teoria do encantamento. Temos um leitor gratuito da Disney chamado, bem, é chamado de leitor da Disney. E eu posso te enviar também, porque existem outros diferentes. Enfim, falamos sobre Aladdin e as diferentes lições desse filme.

• 45:48 - 46:01

É basicamente pegar diferentes filmes da Disney e mostrar como você pode usar na educação de seus filhos a Teoria do Encantamento.

E você acha que o Hakuna Matata é mal interpretado pelas pessoas?

• 46:02 - 46:41

Essa é uma pergunta muito importante. Então, não sei, olha, não acho que a maioria das pessoas pense sobre o Rei Leão, muito menos sobre Hakuna Matata, mas sim, Hakuna Matata é, assim, nós ensinamos isso na teoria, é estranho, porque as pessoas fazem tatuagens de Hakuna Matata, sabe? Mas, Hakuna Matata, no contexto da Teoria do Encantamento é na verdade um aviso. O Simba precisa passar por este período de exílio, onde ele encontra Timão e Pumba que dizem a ele "se o mundo vira as costas para você, você vira as costas para o mundo" e que Hakuna Matata significa não se preocupar, certo?

• 46:41 - 47:02

E essa é uma certa fase niilista na vida de Simba, onde ele aprende que não precisa se responsabilizar por nada. Esse tema se repete em vários filmes da Disney, inclusive no clássico Pinóquio, onde Pinóquio é enviado para a Ilha do Prazer, por exemplo.

• 47:02 - 47:34

Mas sim, Hakuna Matata, embora seja uma canção muito contagiante, a Disney é muito esperta nisso. Assim, pode até parecer que é algo para se desejar, mas Hakuna Matata é a lição que Simba deve aprender que na verdade essa não é a maneira certa de viver a vida, todos temos responsabilidades, certo? Nós também temos responsabilidades, pelas pessoas ao nosso redor, pela nossa família, pelos nossos amigos e pela nossa comunidade.

• 47:34 - 47:40

E é o que se deve aprender, e é por isso que ele acaba deixando o exílio e voltando para a Pedra do Rei.

• 47:42 - 47:56

Como a sua criação no Sul moldou sua visão de raça e de sociedade americana de uma maneira diferente do que se você tivesse crescido em Nova York, onde você vive atualmente?

• 47:58 - 48:29

Sim, na verdade, recentemente percebi que a educação que recebi crescendo no Sul não era universal. E com isso quero dizer que já na primeira série, quando eu tinha seis anos de idade, eu estava aprendendo sobre os líderes de direitos civis. Conheci as obras e as poesias de muitos artistas afro-americanos que foram importantes durante o Harlem Renaissance. Eu tinha que decorar a poesia, por exemplo, a poesia de Maya Angelou em particular.

• 48:30 - 49:12

E isso com certeza moldou minha compreensão da condição humana no geral, mas em relação a raça, o fato de que o movimento de direitos civis representava uma comunidade que assumia a responsabilidade de uma prática espiritual contra o ressentimento e contra a justiça própria. E o Dr. King disse que se você fosse uma vítima, ou se fosse um sobrevivente do racismo, você seria suscetível a cair em um espírito de vingança e um espírito de justiça própria e isso é ruim, porque apenas criaria um ciclo de ódio e vingança, um ciclo interminável de ódio e vingança.

• 49:12 - 49:43

E assim, para transcender que precisávamos praticar coisas como, tipo, a não-violência, e também a prática contra o ressentimento. Mas o que eu percebi é que a história, a compreensão dessa história não é universal. Não é ensinado universalmente nas escolas de toda a América e nem sequer é ensinado nas escolas do Nordeste, e eu pensava que era ou supunha que era, mas não é o caso.

• 49:43 - 50:11

A maioria das pessoas não aprendeu sobre James Baldwin ou Maya Angelou ou Dr. King em sua vida escolar no ensino fundamental. E assim, eles são, quero dizer, isso volta à sua pergunta sobre a fragmentação da cultura, certo? E o fato de nem todos terem acesso a essas histórias. Agora, de certa forma, estou trabalhando com uma certa vantagem aqui porque as pessoas já ouviram falar sobre.

• 50:11 - 50:42

Dr. King, certo? Há o dia MLK na América, que é um feriado nacional, sabe. Mas eles não conhecem de verdade, muitas pessoas não conhecem os ensinamentos e as obras do Dr. King. Eu meio que ouço falar dele por acaso. Então, estou em vantagem porque existe uma consciência de que ele foi uma figura muito importante na história americana e fez muitas coisas importantes, mas em termos específicos, muitas pessoas são ignorantes e isso não é culpa delas. Elas apenas são ignorantes. Mas eu acho que essa é uma oportunidade incrível.

• 50:42 - 50:52

Que a Teoria do Encantamento proporciona às pessoas uma maior consciência e a oportunidade de conhecer às obras e ensinamentos dessas figuras.

• 50:54 - 51:19

Temos uma pergunta interessante de Katia Campos. Katia diz que, para obter resultados quando se está enfrentando desafios complexos e difíceis, às vezes é preciso estar muito concentrado, muito exigente e muito duro, e que há ocasiões em que um líder talvez não deva ter muita sensibilidade e encantamento. O que você acha?

• 51:20 - 51:50

Eu acho que a virtude é um ato de equilíbrio. Eu não acho que você deva pensar nos três princípios como proposições, mas sim como um tipo de ferramenta de calibração. Para equilibrar um tipo de reequilíbrio onde você se encontra em uma determinada situação. Eu acho que certas situações podem certamente exigir menos empatia do que mais empatia.

• 51:51 - 52:23

É impossível trabalhar com 100% de empatia o tempo todo, sabe? Mas eu acho que é preciso estar ciente do risco que se corre quando se é muito duro com outra pessoa, como se você estivesse disposto a aceitar esse risco e assumir esse risco, entende? Isso depende de você, mas você deve pelo menos estar ciente das possíveis repercussões que podem surgir em decorrência disso.

• 52:23 - 52:57

Então, veja, eu, sim, acho que se você é, por exemplo, o chefe dos militares, pode ser muito debilitante e, na verdade, inútil estar em um estado de empatia 100% o tempo todo. As coisas não serão feitas e as coisas têm que ser feitas. Mas isso é mais uma espécie de prática interpessoal. E mesmo no contexto interpessoal, como eu disse, não é necessário ter 100% de empatia o tempo todo.

• 52:57 - 53:29

A raiva também é uma coisa natural do ser humano. E, sabe, podemos falar sobre as diferenças entre a raiva imatura e a raiva assertiva. Não se deve suprimir a raiva, porque isso também não é saudável, mas, mais uma vez, trata-se de calibração e recalibração e equilíbrio, que precisa ser uma coisa ativa. Não é como se fosse uma coisa única. Como se você se equilibrasse uma vez e depois ficasse equilibrado para o resto de sua vida.

• 53:29 - 53:41

Sou um ser humano em constante transformação e em constante mudança. Por isso, acho que é útil pensar na teoria do encantamento dentro do contexto de uma imagem visual ou conceitual.

• 53:43 - 54:07

Sim. Sua resposta está relacionada a uma pergunta que a Penha Santos nos enviou. E ela está dizendo que às vezes as imperfeições que você encontra nas pessoas são sentimentos negativos, inveja, medo de perder um emprego, ou são formas negativas de sentimentos e pessoas, logo não tem muito encanto por parte dos líderes. Qual é a sua opinião sobre isso?

• 54:08 - 54:59

Sim. Não se pode controlar outro ser humano e só temos realmente controle sobre a energia que transmitimos, não sobre como outras pessoas tomam isso ou como outras pessoas o recebem. E nós ensinamos também o estoicismo na Teoria do Encantamento, e uma das práticas do estoicismo é entender tudo o que você pode controlar e o que você não pode controlar, e não ficar obcecado com coisas que não estão dentro de seu controle, então sim, eu apenas concordo com a pessoa que fez essa pergunta, você não pode controlar de onde outra pessoa está vindo, você pode até mesmo querer controlar a resposta dela ao que você diz, mas você certamente só pode controlar seu comportamento e a energia você coloca para fora e como você se comunica com as pessoas, entende?

• 54:59 - 55:28

E mesmo que você esteja na situação de estar ciente do problema, acho que é importante falar, sabe? Você pode reconhecer isso. Você pode dizer que também teve dificuldades com tal coisa, entende? Você pode tentar encontrar algum espaço de conexão e eu acredito que isso muitas vezes ajuda e então você pode dizer o que precisa dizer, mas não há garantias de que essa pessoa vai responder da maneira que você gostaria que ela respondesse. Mas tudo bem também.

• 55:30 - 55:50

O economista Tyler Cowen acredita que entendemos mal o problema da polarização na internet, para ele, o maior problema da internet não é a polarização, mas a estranheza e o distanciamento que a internet proporciona, as pessoas podem ser muito mais estranhas, o que às vezes pode ser positivo, mas também muitas vezes é um ponto negativo significativo. Você concorda com isso?

• 55:51 - 56:26

Não entendi o que você quer dizer com “estranho” na pergunta, e eu precisaria de mais informações em relação ao distanciamento. Acredito, como já disse anteriormente, que as redes sociais podem fazer com que sejamos câmaras de eco e podem fazer com que nos desviemos uns dos outros, mas também podem criar o oposto, certo? Depende de como você a utiliza. É uma ferramenta e dependendo de como você usa a ferramenta, você pode criar e consolidar um espaço que não cause distanciamento.

• 56:27 - 56:47

E acredito que diferentes plataformas novas, como o clubhouse, estão experimentando isso no momento. Mas você também pode ser amargo e cínico e colocar para fora amargura e cinismo e depois atrair pessoas amargas e cínicas para você. Então eu acho que é uma via de mão dupla.

• 56:47 - 57:25

As plataformas, o Twitter pelo menos é projetado para desencadear a dopamina, mas você também é um ser humano. Você também tem autonomia, você também pode controlar, certo? Coisas que você posta e como mantém seu feed. Uma das práticas ou uma das coisas, em vez de dizer, quando começamos a falar de estoicismo, é que existem dois modos de ser em que os seres humanos se encontram presos em relação ao pensamento. Às vezes o primeiro modo de ser é como quando os seres humanos pensam que são onipotentes, quando pensamos que podemos controlar tudo, certo?

• 57:25 - 57:47

Isso é como um lado do espectro, um extremo do espectro. E então a outra ponta do espectro é quando acreditamos que somos impotentes e não podemos controlar nada. E nenhum deles representa a realidade, certo? Está em algum lugar mais no meio. E eu acho que vale a pena pensar nisso quando se trata de nossa relação com as plataformas de mídias sociais.

• 57:50 - 58:08

Chloé, nós agradecemos muito. Estamos quase sem tempo e temos muitas perguntas que não pudemos fazer, mas uma última de Tuana Neves, ela pergunta sobre quaisquer livros, artigos, filmes que você recomenda, para que ela entenda mais sobre o assunto de um modo geral.

• 58:09 - 58:10

Certo.

• 58:13 - 58:17

Eu sei que você tem muitos, então você tem que fazer uma seleção rápida para os funcionários públicos brasileiros.

• 58:18 - 59:03

Livros, O Mestre e seu Emissário por Ian McGilchrist é definitivamente uma leitura obrigatória. Também vou dizer mais um porque é um livro enorme. *The Omni Americans* de Albert Murray é outro livro que eu recomendo. Em relação aos filmes, eu diria que o filme Escritores da Liberdade, esse livro realmente influenciou minha vida, desde os meus 14 anos de idade, quando o assisti pela primeira vez. Uma história real sobre uma professora que muda a vida de seus alunos, eles são pessoas de diferentes etnias que começam a se odiar, mas no final, aprendem a amar, a se amar, essencialmente.

• 59:04 - 59:07

Então são esses três, vou deixá-los com três recomendações.

• 59:08 - 59:18

Ótimo. Chloé foi maravilhoso, delicioso conversar com você, e espero que na próxima vez possamos estar na mesma sala, espero que no Brasil.

• 59:18 - 59:22

Sim. Eu adoraria.

• 59:22 - 59:27

Você pode experimentar um pouco do nosso país e da nossa cultura. Muito obrigado pelo seu tempo. E Rebeca, de volta com você.

• 59:29 – 59:59

Muito obrigada, Chloe. Obrigada, Diogo. Acho que a gente sai desse evento esses três princípios fáceis de aplicar no nosso cotidiano de trabalho, no nosso relacionamento com as pessoas até dentro de casa, nossos parentes filhos. Então, lembrando os 3 princípios da teoria do encantamento. Tratar as pessoas

como seres humanos e não como abstrações políticas, critique pra elevar e capacitar, nunca pra derrubar, nunca destruir e enraíze tudo que você faz com amor e com paixão.

- 1:00:00 - 1:00:28

Então acho que com esses 3 princípios, a gente fechar com isso, a gente consegue imaginar formas interessantes de aplicar e fazer diferença, fazer com que esse conhecimento seja aplicado e fazer diferença no nosso dia a dia. Então deixo vocês, a próxima edição do fronteiras e tendências será no dia 12 de maio, com a professora Alexis Wichowski da Columbia University que falará sobre government e democracia digital. Aguardamos vocês no próximo fronteiras e tendências. Façam o check in pra receber o certificado e avaliem o evento pra gente melhorar, cada vez, essa oferta de conteúdo pros servidores públicos e pra população. Valeu demais, gente. Muito obrigada e até a próxima.

- 1:00:43 - 1:00:44

Tchau.